



Celia Soares de Sousa*

RESUMO

O presente artigo tem o objetivo de refletir sobre as necessárias mudanças de uma cultura impregnada na mentalidade do ser humano contemporâneo: “a cultura da morte”. A partir da iluminação bíblica do evangelho de João 10,10, “Eu vim para que todos tenham vida, e a tenham em plenitude”, buscamos fundamentar o testemunho dos cristãos batizados para a opção radical pela justiça e paz, que os levem a optar sempre pela vida, sobretudo das pessoas mais vulneráveis, os pobres, preferidos de Deus. Os discípulos missionários no caminho da evangelização encontram esperanças e desafios ao sistema que produz a cultura de morte em contraposição à cultura e ao cuidado com a vida. Para que os cristãos leigos e leigas assumam cada vez mais a sua missão de ser “sal da terra e luz do mundo” é preciso ser uma Igreja em “saída”, com a coragem de dialogar com as culturas que tentam impor a perda do sentido de Deus, e fomentar a urgente tarefa de passar da globalização da indiferença à globalização da fraternidade. Olhando para Maria, a mulher jovem e pobre da periferia de Nazaré, buscamos inspiração no seu *Magnificat*.

Palavras-chave: Cultura da vida. Cultura da morte. Opção pela vida. Papa Francisco. Cristãos.

“I came that all may have life” (Jn 10:10): aspects of the “culture of life” in the light of the Church's Social Doctrine

ABSTRACT

This article aims to reflect on the necessary changes in a culture impregnated in the mentality of contemporary human beings: “the culture of death”. Starting from the biblical enlightenment of the Gospel of John 10,10 “I came that they may have life, and have it to the full”, we seek to base the witness of baptized Christians for the radical option for justice and peace, that lead them to always choose for life, especially for the most vulnerable people, the poor, God's favorites. The missionary disciples on the path of evangelization find hopes and challenges to the system that produces the culture of death as opposed to culture and care for life. In order for lay Christians to increasingly assume their mission of being “salt of the earth and light of the world”, it is necessary to be a Church on the way out, with the courage to dialogue with cultures that try to impose the loss of meaning. of God, and to promote the urgent task of moving from the globalization of indifference to the globalization of fraternity. Looking at Mary, the poor young woman from the outskirts of Nazareth, we look to her *Magnificat* for inspiration.

Keywords: Life culture. Culture of death. Option for life. Pope Francis. Christians.

*Doutoranda em Teologia pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUCSP). Mestre em Teologia Sistemática pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUCSP). Autora do livro *O perfil mariano da Igreja e a atuação da mulher na Igreja*, publicado pela Editora Santuário (2020). Autora colaboradora das seguintes obras: *Primeira Assembleia Eclesial da América Latina*, publicada pela Edições Paulinas (2022) e *Maria, onde o céu encontra a terra*, publicada pela Editora Santuário (2022). E-mail: celiasoaresjpv@ig.com.br. Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/293976087270281>.

“Eu vim para que todos tenham vida” (Jo 1,10): aspectos da “cultura da vida” à luz da Doutrina Social da Igreja

1 Introdução

Um dos temas centrais da Doutrina Social da Igreja é o cuidado pela vida. A vida humana se realiza em meio a uma sociedade muitas vezes injusta e desigual. É preciso salvar a vida humana e toda a Criação de Deus e, para isso, a Doutrina Social da Igreja procura apontar critérios para que todo o Povo de Deus seja sujeito e protagonista.

Deus criou o ser humano à sua imagem e semelhança, por amor e para o amor. No entanto, é condição essencial que cada pessoa seja despertada para a vivência do amor gratuito, e não aponte a limitação humana como empecilho para alcançar a maturidade¹, tão necessária para todo ser humano.

Das pessoas batizadas se espera a maturidade cristã, ou seja, a capacidade de assumir o Caminho com Jesus: aderir à fé cristã; assumir seu compromisso com a comunidade cristã; perceber seu lugar de atuação na sociedade em vista da transformação social, na qual reine a paz e a justiça e haja a superação de todo mal que agride a vida.

Neste sentido, o presente artigo traz como reflexão a urgente necessidade de eliminar a cultura da morte, tão presente nas relações pessoais, sociais e estruturais. Partiremos de Jesus de Nazaré, o Deus encarnado no meio de nós (cf. Jo 1). Ele que montou sua tenda no meio de nós e Nos revela o desejo de Deus para toda a humanidade: “de vida em abundância” (Jo 10,10).

Apontaremos os desafios para que prevaleça a cultura da vida. Porém, sem perder de vista que o que deve nos manter como discípulos missionários, com a “chama acesa” em busca do cuidado com a vida, é a esperança!

Consideramos que o convite do Papa Francisco para uma Igreja em “saída”, rumo às periferias, é para que todo o Povo de Deus saia do comodismo e passe a atuar nas diversas realidades sociais, com o objetivo de passar de uma mentalidade da indiferença para a da amorosidade.

¹ Amadurecer é um processo de crescimento. Madura é uma pessoa que cumpre as tarefas próprias de uma pessoa adulta. Como a maturidade é uma meta muito difícil de alcançar, no itinerário educacional se estabelece como objetivo, não a maturidade, mas o amadurecimento. Afinal, a pessoa está sempre em processo. Os aspectos do amadurecimento humano e cristão se desenvolvem ao mesmo tempo na vida da pessoa. Para se chegar à maturidade cristã é preciso passar pelos caminhos da maturidade humana (JÖNCK, 2019).

2 O Evangelho da Vida

Para os cristãos, defender a vida têm como fundamentação a Palavra de Deus que se revela na Pessoa de Jesus. Sua vida, missão e testemunho nos revelam a face do Deus amoroso e libertador. Jesus, com suas Palavras e ações, nos leva a compreender a presença de Deus na História da Salvação. Deus fez uma Aliança de amor e de cuidado com Seu povo. Enviou homens e mulheres, profetas e profetizas para anunciar que o tempo da libertação não estaria distante e que era preciso manter a fidelidade e a profecia, importantes na busca constante da justiça e da paz (cf. Salmo 85,11).

No contexto da comunidade joanina, “a missão de Jesus é conduzir todas as pessoas para fora de tudo o que oprime e explora” (BORTOLINI, 1994, p. 104). Ele é o Bom Pastor (cf. Jo 10, 11.14), assim como Deus se apresentou para Moisés como “Eu Sou” (Ex 3,7), o libertador do poder opressor do Faraó. Jesus é o bom pastor que acolhe seu povo e o liberta para a vida em abundância (Jo 10,10).

O pano de fundo do Capítulo 10 do Evangelho Joanino é a festa da Dedicção (cf. 10,22). Esta festa começou a existir no ano 164 a.C. (cf. 1 Macabeus 4,36-59; 2 Macabeus 1,9-18). Um dos textos bíblicos mais importantes para essa ocasião era o capítulo 34 de Ezequiel. Esse capítulo denuncia os líderes políticos de Israel (os pastores), que se ocupavam em devorar o povo em vez de defendê-lo. Estas são denúncias frequentes nos evangelhos, já que se contrapõem à missão de Jesus de Nazaré.

Bortolini comenta que “as lideranças político-religiosas do tempo de Jesus exploravam o povo, mantendo-o na miséria. (...) Jesus chama essas lideranças de ladrões e assaltantes (10,1.8) e, em seguida, de mercenários (10,12)” (1994, p. 103). O texto joanino afasta a ideia de Jesus ser um líder espiritualista, e indica sua liderança profética. “O seguimento do Bom Pastor nos coloca em choque com a sociedade vigente excludente e com a religião alienante” (HUGHES, 2020, s/p).

Neste sentido, é preocupante a ruptura entre a adesão ao Projeto de Deus, revelado e assumido por Jesus, de vida para todos, e o projeto de morte assumido por aqueles que aderem às injustiças. O profeta Miquéias denunciou no seu tempo essa mesma situação de maquinação violenta e perversa de pessoas que ficam

planejando a injustiça e tramando o mal e, quando o dia amanhece, já o executam. Cobiçam o que não é seu, tomam para si, e assim oprimem as pessoas e à sua herança (cf. Mq 2,1-2; Sl 36,4).

A prática de Jesus é a de trabalhar pela vida e pela libertação de todas as pessoas. Por isso questiona as lideranças – os fariseus com quem mantinha controvérsias por causa da sua dignidade divina, da fé exigida aos homens e da atitude de recusa que, em relação a Ele, mantinham os dirigentes de Israel, que não querem passar pela porta, ou seja, pela prática de Jesus. Se quiser ser aquele que serve deve entrar pela porta (aderir ao seguimento de Jesus). “Se alguém quer liberdade e vida (sair), a ‘saída’ é a prática de Jesus” (BORTOLINI, 1994, p. 104).

2.1 A opção pela vida

A Doutrina Social da Igreja (DSI) “designa o conjunto de escritos e mensagens – cartas, e encíclicas, exortações, pronunciamentos, declarações – que compõem o Magistério católico a respeito da chamada questão social” (CNBB, 2004, p. 13).

A busca do bem comum é uma das grandes metas da DSI. “Nada é alheio à evangelização” (DSI, 66), dado que quem deve ser evangelizada é a pessoa, um ser condicionado pelo conjunto dos problemas sociais e econômicos. A vida está acima de qualquer interesse, seja dos interesses de classe, seja do lucro privado. Por outro lado, o que mais agride a vida é a prepotência dos grandes lucros das instituições financeiras, dos latifundiários, dos grandes produtores, como o agronegócio. Somado a isso, destacam-se as bancadas de políticos com interesses escusos que, no exercício de seus cargos públicos, ameaçam cada vez mais os pequenos produtores, pescadores, comunidades indígenas, quilombolas e ribeirinhas, entre outros.

O sujeito da DSI é a pessoa humana, de modo que só faz sentido pensar no bem viver se envolver o ser humano como parte da criação divina. O ser humano e toda a natureza são criação divina, e nenhum recurso natural existe para ser manipulado de maneira desenfreada. É preciso haver equilíbrio e harmonia entre ambos.

Zacharias (2018, p. 61) comenta que:

Não é possível falar de evangelização sem tocar todas as dimensões da existência humana, sem se preocupar em alcançar todos os povos. A questão central é a convicção de que o Evangelho tem que chegar a todas as criaturas, a fim de que todas se disponham a acolher o Espírito de Jesus para fazer com que o Reino de Deus se instaure no meio da humanidade e o mundo seja mais justo e fraterno”.

Para que mais pessoas tenham consciência da sua importância como geradoras de vida, é fundamental para os cristãos, com coragem profética, optar pela cultura da vida e eliminar a “cultura de morte”. Com efeito, a expressão cultura da morte é inaugurada em 1992 pela Conferência de Santo Domingo (CELAM, 1997).

Na ocasião, o binômio *opressões e libertação* pode ter sido substituído, em nível de maior profundidade, pelo binômio *cultura de morte e cultura de vida*. Nesse caso, a cultura de morte é a expressão das opressões econômicas, políticas, culturais e religiosas existentes na sociedade atual. Opressões não só pessoais, mas também estruturais. A cultura de vida significa, neste caso, o movimento de libertação levado a seu grau mais profundo e radical, modificando a realidade social e religiosa nas suas profundezas culturais, com necessárias mudanças pessoais e estruturais.

O Papa João Paulo II utilizou várias vezes a expressão “cultura de morte” e “cultura da vida” na Carta Encíclica *Evangelii Vitae* (EV, 1995). Nela, o pontífice destacou a urgência de promover uma nova mentalidade crítica, capaz de discernir os autênticos valores e as autênticas exigências (cf. EV, 95), visto que, segundo ele “também hoje, nos encontramos no meio de uma luta dramática entre a ‘cultura da morte’ e a ‘cultura da vida’” (EV, 50).

Há, neste contexto, um forte apelo à perda do “sentido de Deus”. Perder o sentido de Deus é esvaziar-se do compromisso com a dignidade humana e não se importar com as situações de homicídios, guerras, massacres, genocídios, violência causada à vida de milhões de seres humanos, especialmente crianças, constrangidos à miséria, à subnutrição e à fome por causa da iníqua distribuição das riquezas entre os povos e entre as classes sociais, o escandaloso comércio de armas, que favorece o turbilhão de tantos conflitos armados que ensanguentam o mundo, a imprudente alteração dos equilíbrios ecológicos, da criminosa difusão das drogas, a promoção do uso da sexualidade segundo modelos que, além de serem moralmente inaceitáveis, acarretam ainda graves riscos para a vida, entre outros (cf. EV, 10).

Uma das preocupações da Doutrina Social da Igreja é evangelizar a cultura. A evangelização não deve ser um processo de destruição, mas de fortalecimento dos valores, com profundo respeito pela identidade de cada uma delas. Assim a evangelização deve ser “uma contribuição ao crescimento dos ‘germes do Verbo’ presentes nas culturas.” (DP, 40).

O saudoso Papa Paulo VI deixou uma das melhores definições sobre a evangelização das culturas:

Chegar a atingir e como que a modificar pela força do Evangelho os critérios de julgar, os valores que contam, os centros de interesse, as linhas de pensamento, as fontes inspiradoras e os modelos de vida da humanidade, que se apresentam em contraste com a Palavra de Deus e com o desígnio da salvação (EN, 19). [...] importa evangelizar, não de maneira decorativa, como que aplicando um verniz superficial, mas de maneira vital, em profundidade e isto até às suas raízes, a cultura e as culturas do homem[...] (EN, 20).

Para as culturas atuais, cada vez mais urbanas, torna-se imperativo pensar que o resultado desta evangelização inculturada possa superar os individualismos, bem como as ações coordenadas de destruição de pessoas e de processos que agregam para o bem comum. Diante de tanto sofrimento gerado pelo desemprego, pela fome, pela pobreza e pela exclusão social nas periferias das grandes cidades (cf. CNBB, 2004), são fundamentais o envolvimento e a multiplicação das pequenas comunidades, a fim de conhecer e tocar de perto esta realidade.

2.2 Discípulos missionários e o cuidado com a vida

No Documento conclusivo da V Conferência Episcopal da América Latina e Caribe de 2007 – o Documento de Aparecida (DAp), os bispos, reunidos com o Papa, na ocasião Bento XVI, se propuseram “a grande tarefa de proteger e alimentar a fé do povo de Deus e recordar também aos fiéis deste Continente que, em virtude de seu batismo são chamados a ser discípulos missionários de Jesus Cristo” (DAp, 10). Destacaram que a Igreja é chamada a repensar sua missão na realidade atual, sem correr o risco de se fechar frente aos perigos ou ameaças que tentam desvirtuar sua missão com ideologias ou agressões irresponsáveis. E que é necessário encarnar a

novidade do Reino, como protagonistas do Evangelho de Jesus Cristo para uma “América Latina que deseja reconhecer-se com a luz e a força do Espírito” (DAp, 11).

O tema da V Conferência de Aparecida “Discípulos missionários de Jesus Cristo para que n’Ele todos os povos tenham vida” está em profunda consonância com a temática deste artigo, que traz o texto bíblico “Eu vim para que todos tenham vida” (Jo 10,10).

A Doutrina Social da Igreja, empenhada em criar consciência social, está contemplada no Documento Conclusivo da V Conferência de Aparecida. Ao pontuar no Capítulo VIII que a missão dos discípulos é o serviço à vida plena, e suas temáticas: *Reino de Deus e promoção da dignidade humana, a opção preferencial pelos pobres e excluídos, uma renovada pastoral social para a promoção humana integral, a globalização da solidariedade e a justiça internacional, os rostos dos sofredores que doem em nós: pessoas que vivem nas ruas das grandes cidades, migrantes, enfermos, dependentes de drogas, pessoas detidas nas prisões* (DAp, 380-430), identifica-se que estes deveriam despertar nos cristãos uma preocupação latente para pensar e agir através de processos geradores de vida.

A fé cristã nos mostra Jesus Cristo como a verdade última do ser humano (GS, 22). Seguir seus ensinamentos leva o ser humano a encontrar as razões da sua existência e a uma busca incessante da vida em plenitude para todos. “Anunciá-Lo integralmente em nossos dias exige coragem e espírito profético” (DAp, 480).

No entanto, é preciso partir do imperativo que diz respeito a todos nós e que foi objetivo constante do ensino social da Igreja: “Neutralizar a cultura de morte com a cultura cristã da solidariedade” (DAp, 480). Ter a coragem e espírito profético de denunciar todas as mazelas geradoras das violências e mortes, especialmente dos pobres, nos torna “conscientes de que a missão evangelizadora não pode estar separada da solidariedade com os pobres e sua missão integral” (DAp, 545). Além disto, “se muitas das estruturas geram pobreza, em parte é devido à falta de fidelidade aos compromissos evangélicos de muitos cristãos [...]” (DAp, 501).

A Conferência de Aparecida resgata o aspecto missionário da evangelização a partir da alegria. Uma alegria que brota de quem fez um encontro pessoal com Cristo e, concomitantemente, deseja que a mesma alegria chegue a todos os homens e mulheres feridos pelas adversidades (DAp, 29).

O encontro pessoal com Cristo é aquele que leva a pessoa a sair do seu comodismo e enxergar as vicissitudes como um recurso que agregue valor humano, sobretudo, à vida das pessoas. Encontrar-se com Cristo é deixar-se sensibilizar pelas cruzes tão pesadas que são carregadas por tantos irmãos, seja por falta de terra, teto e trabalho, seja pelas cruzes carregadas pela violência e pelo medo.

É tarefa da Igreja, com sua presença no mundo, promover uma autêntica evangelização de nossos povos, para que vivam a radicalidade do amor cristão que se concretiza no seguimento de Cristo na cruz. Os cristãos são chamados a viver o amor que supera o amor humano e a participar do amor divino. Este é único eixo cultural capaz de construir uma cultura da vida (cf. DAp, 543).

O Papa Francisco convida cada cristão a renovar seu encontro pessoal com Cristo ou, pelo menos, a tomar a decisão de se deixar encontrar por Ele, de O procurar dia a dia sem cessar. Diante disso, comentou que “não há motivo para alguém poder pensar que este convite não lhe diz respeito” (EG, 3). Portanto, o convite é para todos.

2.3 Esperanças e desafios da opção pela “cultura da vida”

O Papa Francisco trata, na Exortação *Evangelii Gaudium* (EG), da crise do compromisso comunitário. Chama atenção para um discernimento evangélico na linha da ação evangelizadora, visto que, segundo o pontífice, há um “excesso de diagnóstico” da realidade. O Papa destaca alguns desafios do mundo atual “seja porque afetam a vida e a dignidade do povo de Deus, seja porque incidem sobre os sujeitos que mais diretamente participam nas instituições eclesiais e nas tarefas de evangelização” (EG, 51).

O primeiro desafio encontra-se em consonância com a temática tratada neste artigo, a cultura da vida em detrimento da cultura de morte: “Não a uma economia da exclusão!” (EG, 53-54). Uma economia que mata é comparada a uma arma que mata. Para Francisco, o mandamento “não matar” inclui uma economia que exclui, marginaliza e deixa a população vulnerável e sem saída para uma vida digna. Esta economia promove a cultura do “descartável”, tratando os pobres e sofredores como “restos” (EG, 53).

Da mesma forma, Francisco convida todos os cristãos a tomar uma firme decisão e dizer não: “Não à nova idolatria do dinheiro” (EG, 55-56), “Não a um dinheiro que governa em vez de servir” (EG, 57-58), “Não à desigualdade social que gera violência” (EG, 59-60), “Não à acédia egoísta” (EG, 81-83), “Não ao pessimismo estéril” (EG, 84-86), “Não ao mundanismo espiritual” (EG, 93-97), “Não à guerra entre nós” (EG, 98-101). O pontífice lamenta quantas guerras: “Dentro do povo de Deus e nas diferentes comunidades, quantas guerras! No bairro, no local de trabalho, quantas guerras por invejas e ciúmes, mesmo entre cristãos!” (EG, 98).

Cristãos que não assumem o Evangelho de Jesus Cristo e o ensinamento social da Igreja serão presas fáceis do mundanismo espiritual, pois este promove o individualismo que divide e facilmente “leva alguns cristãos a estar em guerra com outros cristãos que se interpõem na sua busca pelo poder, prestígio, prazer ou segurança econômica” (EG, 98).

Para Francisco, é preciso fazer o caminho inverso e erradicar as desigualdades sociais, promover a paz, a dignidade para todos, com menos consumo desenfreado e individualismos que cegam. O Papa Bergoglio teme que:

[...] mais cedo ou mais tarde, a desigualdade social (possa) gerar uma violência que as corridas armamentistas não resolvem nem poderão resolver jamais. (Estas) servem apenas para tentar enganar aqueles que reclamam maior segurança, como se hoje não se soubesse que as armas e a repressão violenta, mais do que dar solução, criam novos e piores conflitos (EG 59-60).

Em contrapartida, Francisco, ao se referir a uma das encíclicas do ensinamento social da Igreja – a *Sollicitudo rei socialis*, discorre sobre o perigo das culturas dominantes que debilitam, que se instalam em culturas que mantêm suas raízes de respeito aos povos e à criação de Deus.

Com o desejo de superar o processo de “secularização que tende a reduzir a fé e a Igreja ao âmbito privado e íntimo” (EG, 64); “a crise cultural profunda que atravessa a família” (EG, 66) e, frente ao individualismo pós-moderno e globalizado, o qual favorece um estilo de vida que debilita o desenvolvimento e a estabilidade do desafio, Francisco chama a atenção para que os agentes de pastorais possam renovar e reafirmar o seu “Sim”: “Sim ao desafio de uma espiritualidade missionária” (EG,78-80), e “Sim às relações novas geradas por Jesus Cristo” (EG, 87-92),

clamando para que “não deixemos que nos roubem o ideal do amor fraterno” (EG, 101).

2.4 Igreja em “saída”

A eclesiologia proposta pelo Papa Francisco está em consonância com o Vaticano II e resgata uma Igreja “em saída” para as periferias geográficas e existenciais ao encontro dos pobres, das pessoas vulneráveis para gerar processos de vida com dignidade para os que mais precisam.

Se voltarmos nossa atenção ao ensino social da Igreja é possível perceber uma exigência *a priori* de “jogar um olhar crítico e construtivo sobre a realidade, à luz do Evangelho e da tradição espiritual e teológica da Igreja. O horizonte é o Reino de paz, justiça e fraternidade, inaugurado e proclamado por Jesus, que é também o desejo dos cristãos comprometidos na transformação social” (CNBB, 2004, p. 110).

Para a Igreja, a mensagem social do Evangelho não deve ser considerada uma teoria, mas sobretudo um fundamento e uma motivação para a ação. Impelidos por esta mensagem, alguns dos primeiros cristãos distribuíam os seus bens pelos pobres e davam testemunho de que era possível uma convivência pacífica e solidária, apesar das diversas proveniências sociais [...]. A Igreja está consciente hoje mais que nunca de que a sua mensagem social encontrará credibilidade primeiro no testemunho das obras e só depois na sua coerência e lógica interna. Desta convicção provém também a sua opção preferencial pelos pobres, que nunca será exclusiva nem discriminatória relativamente aos outros grupos (CA, 1991, 57).

Bingemer comenta que um dos desafios ínsitos ao ser cristão hoje é “a necessidade urgente de reconfigurar uma mística da profanidade, mostrando que não há que sair da realidade para encontrar a Deus” (2013, p. 147). É fundamental mostrar que tudo fala de Deus na experiência do humano e, portanto, é no humano que Deus vem nos resgatar da miséria para a vida plena. Se tudo fala de Deus, não é aceitável que nossos contemporâneos endureçam o coração e optem decididamente pela “cultura da morte”.

Os principais atores e atrizes sociais são os cristãos leigos e leigas. Pelo batismo são inseridos, como católicos, no Corpo Místico, cuja cabeça é o Cristo enquanto nós somos os seus membros (cf. 1 Cor 12,27). Os cristãos são chamados

a viver como discípulos de Jesus Cristo no dia a dia, na família, na comunidade eclesial, no trabalho profissional, na multiforme participação na sociedade civil, colaborando, assim, na construção de uma sociedade justa, solidária e pacífica, que seja sinal do Reino de Deus, inaugurado por Jesus de Nazaré (cf. CNBB, 2016, 19).

A Doutrina Social da Igreja propõe elementos teológicos-pastorais que trarão inspirações para uma ação transformadora dos cristãos na sociedade. O direito a uma formação bem fundamentada na Palavra de Deus, na História da Igreja, na eclesiologia de Comunhão e nos demais fundamentos do Vaticano II e das Conferências Episcopais da América Latina, não pode ser negado aos cristãos leigos e leigas, pois são eles que estão inseridos nas várias realidades contemporâneas e que certamente poderão oferecer sua contribuição, como presença ativa, para a justiça e para a paz.

Alves (2020. p. 42) comenta que “a ação libertadora da Igreja no mundo tem como foco a instauração da justiça, efetivando assim o amor ao outro [...], sendo que o amor cristão necessariamente passa pela justiça, embora não se esgote nela”. Os frutos da ação libertadora da Igreja no mundo devem ser sempre a promoção da cultura da vida. O Deus libertador é o Deus da vida, e de modo imperativo o “Não matar” (Ex 20) é indicativo da manutenção da fidelidade ao Seu projeto de vida para todos.

Cabe ressaltar que, embora os cristãos leigos e leigas sejam os grandes protagonistas dos avanços nas ações eclesiais, em comunhão com o Concílio Vaticano II e com o Papa Francisco é preciso também destacar os recuos da consciência da identidade e da missão do laicato. Diante disso, convém lembrar que o mundo é o primeiro lugar da presença, atuação e missão dos cristãos leigos e leigas, e que ainda é insuficiente – e até mesmo omissa – a sua atuação nas estruturas e realidades do mundo, nos areópagos das universidades, da comunicação, das empresas, do trabalho, da política, da cultura, da medicina, do judiciário, entre outros (cf. CNBB, 2016, p. 31).

A Igreja necessita, sem dúvida, de cristãos leigos e leigas que assumam sua vocação, seja nas estruturas da Igreja, seja nas diversas realidades do mundo, formados e fundamentados nos princípios e valores da Doutrina Social da Igreja e na teologia do laicato (cf. Eam, 44), para “descobrir e discernir os sinais dos tempos, para

responder de maneira lúcida e coerente às interrogações de cada geração, às suas angústias e esperanças, alegrias e tristezas” (CNBB, 2016, 66).

3 Passar da “globalização da indiferença” à “globalização da fraternidade”

O grande destaque para a lógica do mundo globalizado é a indiferença. Corremos, com isso, o risco de perder a capacidade de chorar com quem chora, mas também de nos alegrar com quem se alegra (Rm 12, 15), assim como nos exortam os bispos do Brasil (cf. CNBB, 2016, 45).

O mundo globalizado provoca muito mais uma lógica desumanizadora do que a união dos povos. O consumo desenfreado torna-se aqui o modo de vida cada vez mais universalizado.

A lógica individualista se caracteriza por: a) satisfação individual e indiferença pelo outro; b) supremacia do desejo em relação às necessidades; c) predomínio da aparência em relação à realidade; d) inclusão perversa e falsa satisfação (CNBB 2016, 46-47).

Ademais, o mundo globalizado impõe enormes distâncias entre os mais pobres, cada vez mais miseráveis, e entre os mais ricos, acumulando grandes fortunas e bem-estar próprio. A Doutrina Social da Igreja (DSI, 362) aponta as esperanças, mas também as desigualdades que a globalização provoca no mundo atual:

A globalização alimenta esperanças, mas também suscita interrogações inquietantes. [...] Não faltam, efetivamente, indícios reveladores de uma tendência ao aumento das desigualdades, quer entre países avançados e países em vias de desenvolvimento, quer no interior dos países industrializados. A crescente riqueza econômica [...] acompanha um crescimento da pobreza relativa.

Em sua encíclica sobre o Diálogo e a Fraternidade universal, o Papa Francisco evidencia que o individualismo é um mal contra a globalização da fraternidade. Viver a dimensão do diálogo e da fraternidade é “pensar e gerar um mundo aberto” que proporcione viver o valor único do amor, construir sociedades abertas que integram a todos, superar um mundo de sócios, promover o bem moral, repropor a função social da propriedade, retomar os direitos dos povos, entre outros (FT, 87-127).

A corrida armamentista e a facilidade, por força da lei, para a aquisição de mais armas é considerada pelo Papa Francisco uma “loucura” (SAVAGONE, 2022, s/p):

Por que não unir as nossas forças e os nossos recursos para combater juntos as verdadeiras batalhas da civilização: a luta contra a fome e contra a sede, a luta contra as doenças e as epidemias, a luta contra a pobreza e a escravidão de hoje? Por quê? Certas escolhas não são neutras: destinar grande parte dos recursos às armas significa tirá-los de outras coisas, o que significa continuar tirando-os, mais uma vez, de quem não tem o necessário [...]. Quanto se gasta em armas! É terrível! [...]. Gastar com armas suja a alma, suja o coração, suja a humanidade.

Francisco resgata importante comportamento humano ao comentar que é preciso recuperar a amabilidade no trato, no cuidado para não magoar as pessoas com palavras ou gestos. Para ele, gestos de amorosidade vencem as incompreensões e evitam os conflitos (FT, 223-234), gerando uma nova mentalidade para a “cultura de vida”.

3.1 Maria, a mulher geradora de Vida

Inculcar e perpetuar a cultura da vida é um processo que requer profundas mudanças culturais, tanto na Igreja quanto na sociedade, seja em comportamentos individuais, seja nos coletivos. Neste caso, se afirma também como compromisso dos cristãos que abraçaram a fé em uma espiritualidade encarnada, com seu fundamento na comunidade trinitária e no mandamento do amor.

Maria foi uma mulher geradora de vida. No seu ventre Jesus se fez carne, se fez pessoa. Apesar da conflitante realidade em relação à mulher, no seu tempo, Maria de Nazaré perseverou com a comunidade. Ela cooperou com o nascimento da Igreja missionária, com o seu próprio testemunho de mulher, de mãe, de discípula e de seguidora de Jesus.

As lideranças judaicas estavam mais preocupadas com o cumprimento da Lei a tal ponto que esperavam que o Libertador viesse como um soldado envolto em poder – exército – e riqueza. Não reconhecem Jesus como o Messias, o enviado do Pai, o pobre de Nazaré, nascido de uma mulher (Gl 4,4).

A revelação do projeto de Deus por Jesus de Nazaré é um projeto de Vida para todas as pessoas. Maria, por exemplo, foi colaboradora de Deus por sua fidelidade

diante dos projetos de morte manipulados pela sociedade e pela religião do seu tempo. Cada pessoa é chamada a defender os valores da vida, por isso o convite para “permanecer na escola de Maria” (DAp, 270).

Sousa (2015, s/p) comenta que é preciso “aprender de Maria teimosia na luta contra o sistema de morte de Belém e dos sistemas de hoje”. Essa ação precisa ser repetida pelas mulheres nos espaços eclesiais e nas estruturas sociais, visto que elas ainda não são respeitadas no que tange a uma participação efetiva nesses espaços.

Maria “precisa, cada vez mais, ser a pedagoga do evangelho na América Latina” (DAp, 282). Ela nos ensina a olhar os mais fracos porque ela mesma experimentou de perto “a pobreza e o sofrimento, a fuga e o exílio” (MC, 37) e nem por isso permitiu ser derrotada. Foi aclamada como a mulher forte. Ela encontrou sua força em Deus e cantou um canto de ação de graças, exaltando o nome e a presença do Deus libertador. No Magnificat (Lc 1,46-55), Maria denuncia a injusta sociedade que acumula, explora e mata. A riqueza é sinal de morte, e os pobres são os preferidos para serem libertados de todo mal, sobretudo daqueles propositalmente formulados pelas estruturas injustas e a elas agregados. A oração de Maria, cheia de silêncio amoroso e compassivo, aproximava-a do sofrimento e da dor de seus filhos prediletos, os pobres e necessitados. Estar na escola de Maria é tornar-se cada vez mais desapegado, pequeno e humilde, disposto sempre à observância e à escuta da Palavra do seu Filho. Maria experimentou a salvação e, por isso, pôde realizar esse gesto profético. Por esse gesto, faz emergir os sinais do Reino e os sinais da esperança, capazes de transformar os sofrimentos da humanidade (SOUSA, 2015, s/p).

A “cultura de morte” que precisa ser neutralizada com a cultura da vida envolve acabar com o feminicídio, que ameaça e violenta a vida de tantas mulheres no Brasil, diariamente. Inclui uma profunda mudança cultural na Igreja, ou seja, enfrentar o clericalismo que, de acordo com Francisco, é uma perversão na Igreja. Para Daly, ele é “uma expectativa, que leva a abusos de poder, de que os ministros ordenados sejam e devam ser melhores do que qualquer outra pessoa do Povo de Deus” (DALY, 2019, s/p).

É notável que o ser humano agregue valores ao seu comportamento e, a partir deles, construa pontes para dialogar, unir e acolher os povos, como há também, de outro lado, pessoas que optam por se deter aos aspectos culturais, com potencial para aniquilar as relações fraternas, construindo muros que acabam por afastar e criar inimizades. Neste sentido, o que disse o Papa Francisco na Conferência Internacional de Ética Teológica Católica na Igreja Mundial em Sarajevo, de 26 a 27 de julho de

2018, é fundamental para a nossa tomada de decisão ao escolher a vida, a justiça e a paz:

O tema do encontro é aquele para o qual eu mesmo chamei a atenção: a necessidade de construir pontes, não muros. Continuo repetindo isso na esperança de que as pessoas em todos os lugares prestem atenção a essa necessidade que é cada vez mais reconhecida, embora às vezes sofra resistência pelo medo e por formas de regressão. Sem renunciar à prudência, somos chamados a reconhecer todos os sinais e mobilizar toda a nossa energia para remover muros de divisão e construir pontes de fraternidade em todas as partes do mundo (THIESEN, 2018, s/p).

Maria é mulher geradora de vida. Ela teve a coragem de criar pontes ao sair apressadamente para a visita à Isabel (cf. Lc 1,39). Reconheceu que Deus olhou a humilhação do seu povo pobre e esquecido pelas autoridades políticas e religiosas do seu tempo, e elevou ao Deus libertador o seu *Magnificat* (cf. Lc 1, 46-55). Boff comenta: "Maria, no Magnificat é, em pessoa, o povo de Israel, enquanto nele realizam as promessas feitas aos pais e a seus filhos (Lc 1, 55). [...] A virgem representa os *anawims*, os verdadeiros portadores das promessas" (BOFF, 2006, p. 329).

Francisco nos convida a chamar “Maria, a Estrela da Nova evangelização” e com a companheira Maria “levar a todos o Evangelho da vida que vence a morte”. Com o coração orante e profético, pedir que o Santo Espírito nos dê a “santa ousadia de buscar caminhos novos para que chegue a todos o dom da beleza que não se apaga” (EG, 288).

E que essa “beleza” seja a vida em plenitude para todos e todas, na qual prevaleça a cultura da vida na Igreja e na sociedade, para que mulheres e homens vivam na fraternidade, no respeito e com a coragem profética necessária para denunciar os sinais de morte que ameaçam, cotidianamente, sobretudo as pessoas mais vulneráveis, como os pobres, as mulheres, as crianças, os idosos, as pessoas em situação de rua, as comunidades tradicionais.

4 Conclusão

A opção pela vida é uma decisão pessoal e social. No entanto, para os cristãos a opção pela vida é uma condição fundamental da sua adesão a Jesus de Nazaré, pois Ele “veio para que todos tenham vida e vida em plenitude” (Jo 10,10).

Conhecer, refletir e aplicar o ensinamento social da Igreja na contemporaneidade exige uma práxis cristã que alcance as estruturas da sociedade. O testemunho fruto da Igreja “em saída”, conforme propõe o Papa Francisco, em que discípulos missionários atuem no *ad extra* e possam para ir ao encontro das pessoas feridas e caídas no caminho, traz esperança para a proposta da Doutrina Social da Igreja².

Há setores da sociedade que necessitam de uma profunda transformação. A política, o agronegócio e a economia são campos da sociedade nos quais imperam os interesses escusos, os individualismos, o enriquecimento ilícito, entre outras ações que servem à “cultura da morte”, quando, na verdade, deveriam servir ao bem comum de toda a população, e não apenas em prol de uma minoria privilegiada.

É preciso promover e inserir, no processo de evangelização dos cristãos, a opção pela “cultura da vida” para neutralizar a “cultura de morte”, no intuito de, com Maria de Nazaré, formar homens e mulheres amigos e profetas de Deus, com a coragem profética de aderir, sempre, ao cuidado com a vida!

Referências

ALVES, Antonio Aparecido. **Doutrina Social da Igreja**. Um guia prático para estudo. 2ª ed. Petrópolis: Editora Vozes, 2020.

BINGEMER, Maria Clara. **Ser cristão hoje**. São Paulo: Editora Ave Maria, 2013.

BOFF, Clodovis. **Mariologia Social**. O significado da Virgem para a Sociedade. São Paulo: Paulus, 2006.

BORTOLINI, José. **Como ler o Evangelho de João**. O caminho da vida. 5ª ed. São Paulo: Paulus, 1994.

COMPÊNDIO DA DOCTRINA SOCIAL DA IGREJA. Pontifício Conselho “Justiça e paz”. Tradução da Conferência Nacional dos bispos do Brasil (CNBB). 7ª ed. São Paulo: Paulinas, 2011.

COMPÊNDIO VATICANO II. Constituições, decretos e declarações. 26ª ed. Petrópolis: Vozes, 1997.

² “A sociedade humana é objeto da doutrina social da Igreja, visto que ela não se encontra nem fora nem acima dos homens socialmente unidos, mas existe exclusivamente neles e, portanto, para eles” (DSI 106).

CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. **Documento 105**. Cristãos leigos e leigas, na Igreja e na sociedade. Sal da terra e luz do mundo (Mt 5,13). São Paulo: Paulinas, 2016.

CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. **Temas da Doutrina Social da Igreja**. Caderno 1. Projeto Nacional de Evangelização Queremos ver Jesus Caminho, Verdade e Vida. São Paulo: Paulinas, Paulus, 2004.

CONSELHO EPISCOPAL LATINO-AMERICANO. **Documento de Aparecida**. Texto Conclusivo da IV Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano e do Caribe, 13-31 de maio de 2007. São Paulo: Paulinas, Paulus, 2007.

DALY, Peter. **É preciso enfrentar o clericalismo antes de tentar reformar o sacerdócio**. 2019. Disponível em: <https://www.ihu.unisinos.br/categorias/591656-e-preciso-enfrentar-o-clericalismo-antes-de-tentar-reformar-o-sacerdocio2019>. Acesso em: 10.jul.2022.

HUGHES, Thomas. **Reflexão do Evangelho: Eu vim para que todos tenham a vida e a tenham em abundância**. 2020. Disponível em: <https://cebi.org.br/reflexao-do-evangelho/reflexao-do-evangelho-eu-vim-para-que-todos-tenham-a-vida-e-a-tenham-em-abundancia/2020>. Acesso em: 07.jul.2022.

SAVAGONE, Giuseppe. **Francisco e a corrida armamentista**. Disponível em: <https://www.ihu.unisinos.br/categorias/617263-francisco-e-a-corrida-armamentista>. Acesso em: 15.jul.2022.

SOUSA, Celia Soares de. **Aprender de Maria teimosia na luta contra o sistema de morte de Belém e dos sistemas de hoje**. 2015. Disponível em: <https://www.vidapastoral.com.br/artigos/aprender-de-maria-teimosia-na-luta-contr-o-sistema-de-morte-de-belem-e-dos-sistemas-de-hoje/2015>. Acesso em: 10.jul.2022.

THIESEN, Victor D. **Somos chamados a remover muros de divisão e construir pontes de fraternidade. Integra da carta aos teólogos em Sarajevo**. 2018. Disponível em: <https://www.ihu.unisinos.br/categorias/188-noticias-2018/581280-somos-chamados-a-remover-muros-de-divisao-e-construir-pontes-de-fraternidade-integra-da-carta2018>. Acesso em: 10.jul.2022.

ZACHARIAS, Ronaldo. O cuidado com os mais frágeis como desafio ao pensamento e à ação social da Igreja. *In*: ZACHARIAS, Ronaldo; MANZINI, Rosana (Orgs.). **A Doutrina Social da Igreja e o cuidado com os mais frágeis**. São Paulo: Paulinas, 2018. p. 41-68.

Siglas

CA – *Centesimus Annus*

Dap – Documento de Aparecida

DP – Documento de Puebla

DSI – Doutrina Social da Igreja

EN – *Evangelii Nuntiandi*

EG – *Evangelii Gaudium*

Eam – *Ecllesia in América*

FT – *Fratelli Tutti*

SRS - *Sollicitudo rei socialis*

Recebido em: 20.08.2022.
Aprovado em: 28.11.2022.